

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F11	--
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Terra Indígena Salto Grande do Jacuí
MUNICÍPIO / UF	Salto do Jacuí, RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

976 – Terra Indígena Salto do Jacuí
977 – Saltinho
978 – Terra Indígena Salto do Jacuí 2
979 – Rio Jacuí
980 – Terra Indígena Salto do Jacuí 3
981 – Opy no Salto do Jacuí
982 – Opy no Salto do Jacuí 2
983 – Quati no Salto do Jacuí
984 – Quati no Salto do Jacuí 2
985 – <i>Mbyá</i> conversam na <i>Tekoá Porã</i>

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
Terra Indígena Salto Grande do Jacuí é área oficialmente reconhecida aos <i>Mbyá-Guarani</i> na margem esquerda do rio Jacuí junto ao salto deste rio, contendo 234 hectares (7 km de perímetro) no município de Salto do Jacuí (RS), tendo sido regularizada e homologada sua demarcação em dezembro de 1998. Sua situação fundiária está na etapa de Contrato de Demarcação (Nº 146/97, cf. site da FUNAI). Em 2002, sua população era de 12 <i>Mbyá</i> e em 2005 tinha uma população de 34 pessoas. Em março de 2006, seus habitantes já somavam 50 pessoas. O reconhecimento da comunidade <i>Mbyá</i> em Salto do Jacuí, hoje chamada de <i>Tekoá Porã</i> (Aldeia Bela) é o resultado de um processo que remete à ocupação originária da região há milhares de anos. Como está colocado também na ficha de Sítio, sabe-se que a ocupação da região do rio Jacuí por grupos Guarani recua ao início do primeiro milênio da era Cristã, quando eles colonizaram as várzeas dos rios nas bacias hidrográficas do Uruguai, Ibicuí e Jacuí. No século XVI, eles foram os primeiros grupos indígenas a sofrerem as consequências do avanço da colonização europeia na região, os lusos vindos pelo litoral e os espanhóis pelo interior do continente.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

A região do rio Jacuí também participou do mesmo processo histórico dos Sete Povos, porque ali existiam ervais que eram objeto de exploração e beneficiamento por parte dos Guarani missionários. Os documentos jesuítas referem a exploração dos ervais do rio Jacuí pelos Guarani em parceria com os demais grupos indígenas da região, chegando essa atividade até a Serra do Botucaraí.

A região se manteve habitada por grupos indígenas e seus descendentes mesmo depois do fim das Missões, já que a região do Alto Jacuí prestou-se como refúgio a muitos grupos nativos fugidos da expansão açoriana desde o baixo Jacuí pelo sul e espremidos contra os paulistas que dominavam os campos do planalto a norte. A pesquisa etnográfica na região constata lá ainda existirem inúmeras famílias que resistiram em locais isolados em meio a vales íngremes e pedregosos, onde a floresta imperava com muito vigor e onde a cobiça do latifúndio só foi chegar a partir do meio do século XX, quando ocorreu a mecanização da lavoura e dominou o modelo de produção monocultora de exportação, o que teve como consequência a alienação das áreas de ocupação originária e o prejuízo de diversas comunidades em benefício da concentração privada da terra.

Assim, devido ao seu isolamento geográfico, a região tornou-se conhecida como uma área de refúgio, mesmo para indígenas fora do Estado. No final do século XIX, a área junto ao rio Jacuí foi ocupada por grupos Nhandéva, vindos da região do rio Iguaçu, que permaneceram até 1955, quando começou a construção da barragem Maia Filho. Há registro de que eles já circulavam na região na década de 1950. Na década de 1970, os *Mbyá* passaram a frequentar a área de preservação da Cia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), à margem esquerda do rio Jacuí, e, em 1991, passam a ocupá-la permanentemente.

A FUNAI constituiu grupo de trabalho, através de portaria nº 1.136. de 12/11/93, que identificou e delimitou a área em 234 ha. Pela portaria nº 105, de 13/02/96, o Ministério da Justiça declara a área de posse permanente indígena.

4 DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1 POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Terra Indígena Salto Grande do Jacuí possui uma pequena população (146 pessoas e 39 famílias) e os dados disponíveis sobre a ocupação *Mbyá* não recuam para antes de 1970.

Ela fica situada no Município de Salto do Jacuí, que faz parte da Mesorregião do Noroeste Riograndense, na Microrregião de Cruz Alta. Localiza-se na latitude 29°05'18" Sul e na longitude 53°12'45" Oeste, estando a uma altitude de 322 metros acima do nível do mar. Salto do Jacuí está localizado no Vale do rio Jacuí, em seu curso superior, na região fisiográfica do Planalto Médio, no centro do Estado.

Salto do Jacuí possuía (em 2003) 519,2 km² de área e uma população estimada em 12 481 habitantes em 2004. É um município novo (emancipado em 12/05/1982) de baixa densidade populacional, mas de grande riqueza per capita por causa dos recursos produzidos pela geração de energia hidrelétrica no rio Jacuí.

A economia de Salto do Jacuí baseia-se na agropecuária (soja, milho, trigo e criação de gado) e na mineração (extração de pedras preciosas e semi-preciosas), geração de energia elétrica (Usina Leonel Brizola e Passo Real). A Geração de Energia ocorre no Parque Energético em Salto do Jacuí, com a UHE Passo Real e UHE Jacuí, sendo responsável por 65% da energia gerada pela Companhia Estadual de Energia Elétrica e 35% da carga consumida pelo Estado. Na área da mineração, o Município apresenta uma das maiores jazidas de pedra ágata do mundo de qualidade superior, conhecida como tipo "Umbu". Na agricultura, destaca-se na produção das culturas de milho, feijão, trigo, soja, aveia grão, fumo, cevada e cana de açúcar; na pecuária, a criação de suínos, ovinos, gado de corte e gado leiteiro. Na indústria, destaca-se o beneficiamento de pedras preciosas, industrialização da cana de açúcar e fabricação de móveis. Há ainda atrativos turísticos, como são as Usinas Hidrelétricas do Passo Real, do Jacuí e Maia Filho. A Terra Indígena *Mbyá* também é referida como atração turística do Município.

Comparando os índices trazidos pelos Censos do IBGE desta década, Salto do Jacuí tem sofrido um decréscimo populacional na ordem de -6,99% entre 2000 e 2004, com uma elevada taxa de urbanização (78,9% em 2003). O Município teve um Produto Interno Bruto em 2002 de R\$ 85.825.075,00, com um PIB per capita de R\$ 7.255,00.

Em 2003, o Município contava com 04 escolas estaduais e 08 escolas municipais, que incluem pré-escola. O Município conta com quatro enfermarias, dois ambulatórios e um hospital.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

A comunidade *Mbyá-Guarani* da Terra Indígena Salto Grande do Jacuí possui um ritmo cotidiano distinto daquele que vigora na rotina rural e urbana do município, embora tenham que se adequar aos horários das aulas das crianças que estudam (são 11 crianças *Mbyá* diariamente transportadas pela prefeitura à escola fora da aldeia), dos estabelecimentos comerciais (onde adquirem víveres e outros produtos), da rede bancária (onde retiram pensões), do atendimento hospitalar etc. A Terra Indígena *Mbyá* está situada em local de privilegiada beleza natural, com encostas íngremes e completamente forrada de floresta densa, no meio das quais fica o curso pedregoso do rio. No entanto, *Tekoá Porã* está a apenas três quilômetros do centro da cidade do Salto do Jacuí, sendo visitada, em todo momento, por curiosos, turistas ou banhistas que procuram o balneário próximo nos meses de calor.

Embora sendo formalmente reconhecida como Terra Indígena a pequena área de 234 hectares, *Tekoá Porã* é compreendida pelos *Mbyá* envolvendo toda a grande área de mata preservada na grande ferradura que faz o curso do rio Jacuí abaixo da Hidrelétrica Maia Filho, local transformado em área de proteção ambiental em contrapartida ao impacto provocado pelos empreendimentos hidrelétricos no Jacuí.

Dentro da Terra Indígena os *Mbyá* possuem suas oó (casas tradicionais) ao lado de poucas casas construídas segundo o modelo adotado inicialmente pelo Programa RS Rural (como é hoje a casa de passagem dos *Mbyá* no Parque Arqueológico de São Miguel, por exemplo). Lá eles também fazem *kokué* (roças tradicionais), preparam armadilhas e pescam no rio, conseguindo um abastecimento alimentar destas fontes em maior proporção do que ocorre em média nas demais áreas *Mbyá*. Mesmo assim, a comunidade tem recebido cestas-básicas repassadas pelo Governo do Estado ou da União.

Como se trata de uma comunidade até há pouco sem reconhecimento formal, os dados disponíveis sobre sua população não possuem profundidade temporal.

4.2 PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Bacia Hidrográfica do Alto Jacuí: A bacia hidrográfica do Alto Jacuí abrange uma área de 14.130,26 km² e está localizada na região do Planalto Médio. Limita-se a norte e a oeste com os divisores de água da bacia do Uruguai; a sul com o divisor do Rio Jacuí; e a leste com os divisores de água da bacia do Taquari-Antas.

Esta bacia é drenada por rios encravados em vales profundos, como o Rio Jacuí, Jacuí Mirim, Jacuizinho, Rio dos Caixões, Ivaí e Soturno, onde foram construídas diversas barragens hidrelétricas.

O principal tipo fitogeográfico desta bacia é a Floresta Estacional Decidual. Ocorrem também algumas áreas de Floresta Ombrófila Mista, que têm aí o limite inferior de sua ocorrência natural.

Planalto Médio: Este é Limitado a Norte pela região do Alto Uruguai, a Sul pela Depressão Central e Leste pela Encosta Superior a Nordeste. As principais cidades são: Passo Fundo, Carazinho, Cruz Alta, Ijuí, Panambi, Tupanciretã, Soledade, *Tapera* e Júlio de Castilhos. Sua área, segundo FORTES (1956), é de 31.252 km². A maior parte da região é ocupada pelo basalto, ocorrendo arenitos em maior extensão somente nos municípios de Júlio de Castilhos até Cruz Alta, onde os solos são bastante mais pobres. A região alcança 700 metros no Leste e 400 a 500 metros no Oeste, incluindo a bacia do Jacuí Superior, em cujo vale há altitudes até inferior a 200 metros.

Predominam os campos, bem pobres na região de arenito, com matilhas de galeria. Ocorrem áreas de pinhais fechados ao Leste do Jacuí. Nas partes inclinadas dos vales ocorrem florestas latifoliadas. No Sul, onde há transição para Depressão Central são as florestas latifoliadas que ocupam a borda do planalto numa faixa que se alarga de Jaguari, passando por Mata, São Pedro do Sul, Santa Maria, até o vale do Jacuí. A cobertura vegetal do Município está atualmente muito modificada e é composta por arbóreas em fase de extinção, tais como: cedro, canela, angico, pinheiro, campos limpos e mistos, matas de galerias. Os campos nativos limpos e mistos estão ocupados, em grande parte, para a criação de bovinos e ovinos, sendo esta atividade importante na economia do Município, bem como neles são cultivados a soja e o trigo. Paralelamente, nas margens do rio Jacuí e afluentes, aparecem às matas de galerias. Para evitar o assoreamento da bacia de acumulação do Passo Real, faz-se o reflorestamento nas ilhas e margens com árvores nativas, tais como pitangueira e cerejeira. É muito usado também o eucalipto e o pinus eliott já com fins econômicos por empresas do reflorestamento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

4.3 MARCOS EDIFICADOS

Barragem Eng.º José Maia Filho: Foi a primeira obra de grande vulto realizada no esquema de aproveitamento do potencial hidrelétrico do Estado, represa a água para movimentação de suas turbinas, forma um reservatório com 23 milhões de metros cúbicos de água que são transportadas através de um túnel com nove metros de diâmetro e 182 metros de comprimento. O espelho de água tem 5,3 Km², 500 metros de largura e 10 Km de comprimento, formando um reservatório de 5.300 hectares e possui 17 comportas.

Usina Hidrelétrica Jacuí: Localiza-se na sede do Município de Salto do Jacuí, projetada e construída pela CEEE, esta usina foi o segundo aproveitamento do Rio Jacuí. Possui uma potência instalada de 150 mil KW. A primeira unidade da UHE Jacuí começou a operar em 1962, possui 06 grupos geradores de 30 MW, com adução realizada por túnel de 1.200 m de comprimento e 09 de diâmetro.

Usina Hidrelétrica/Barragem Passo Real: É o terceiro aproveitamento hidrelétrico do Rio Jacuí, foi inaugurada em 1973. Está situada a 15 Km a montante da Barragem Maia Filho, alimentadora direta da Central Hidrelétrica Jacuí. A central do Passo Real aproveita um desnível artificialmente criado pela barragem de modo que sua altura é responsável pela geração de energia, primeiro através da acumulação e regularização das descargas que proporciona, depois devido a maior queda a que dá lugar. A barragem que forma o reservatório de regulação para os aproveitamentos a jusante apresenta 06 comportas, é de gravidade de enrocamento com argila, formando um lago de 22.500 hectares.

Cidade do Salto do Jacuí: Centro urbano criado a partir da década de 1960, para servir de sede de operação para a construção, manutenção e operação dos empreendimentos hidroelétricos. A partir da década de 1980, aumentou o fluxo de contingentes rurais, provocando o crescimento desordenado da cidade e deslocando o centro para fora do local onde ela iniciou.

5 FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1 RESUMO

Como está colocado também na ficha de Sítio, sabe-se que a ocupação da região do rio Jacuí por grupos Guarani recua ao início do primeiro milênio da era Cristã, quando eles colonizaram as várzeas dos rios nas bacias hidrográficas do Uruguai, Ibicuí e Jacuí. No século XVI, eles foram os primeiros grupos indígenas a sofrerem as consequências do avanço da colonização européia na região, os lusos vindos pelo litoral e os espanhóis pelo interior do continente.

A região do rio Jacuí também participou do mesmo processo histórico dos Sete Povos, porque ali existiam ervais que eram objeto de exploração e beneficiamento por parte dos Guarani missionários. Os documentos jesuítico referem a exploração dos ervais do rio Jacuí pelos Guarani em parceria com os demais grupos indígenas da região, chegando essa atividade até a Serra do Botucará.

A região se manteve habitada por grupos indígenas e seus descendentes mesmo depois do fim das Missões, já que a região do Alto Jacuí prestou-se como refúgio a muitos grupos nativos fugidos da expansão açoriana desde o baixo Jacuí pelo sul e espremidos contra os paulistas que dominavam os campos do planalto a norte. A pesquisa etnográfica na região constata lá ainda existirem inúmeras famílias que resistiram em locais isolados em meio a vales íngremes e pedregosos, onde a floresta imperava com muito vigor e onde a cobiça do latifúndio só foi chegar a partir do meio do século XX, quando ocorreu a mecanização da lavoura e dominou o modelo de produção monocultora de exportação, o que teve como consequência a alienação das áreas de ocupação originária e o prejuízo de diversas comunidades em benefício da concentração privada da terra.

Assim, devido ao seu isolamento geográfico, a região tornou-se conhecida como uma área de refúgio, mesmo para indígenas fora do Estado. No final do século XIX, a área junto ao rio Jacuí foi ocupada por grupos Nhandéva, vindos da região do rio Iguaçu, que permaneceram até 1955, quando começou a construção da barragem Maia Filho. Circulando pela região desde antes de 1950, na década de 1970 os Mbyá passaram a frequentar a área de preservação da Cia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), à margem esquerda do rio Jacuí, e, em 1991, passam a ocupá-la permanentemente.

A FUNAI constituiu grupo de trabalho, através de portaria nº 1.136. de 12/11/93, que identificou e delimitou a área em 234 ha. Pela portaria nº 105, de 13/02/96, o Ministério da Justiça declara a área de posse permanente indígena.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

5.2 CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
A.D. 1.275 ± 50	Fase Caaguaçu da Tradição Humaitá (produtores de chopping-tools e bifaces líticos) correspondente a caçadores e coletores sem ponta de projétil no Alto Uruguai, no vale do rio Ijuí e Alto Jacuí.
200 d.C.	Aparecimento da Subtradição Pintada da Tradição Cerâmica Guarani no Alto Uruguai, espalhando-se do rio Ijuí em direção ao Alto Jacuí, centro do Estado do RS; isso indica a chegada dos primeiros Guaranis em expansão desde os rio Paraná e Paraguai, onde as datações da cerâmica Guarani são mais antigas.
1626-1634 d.C.	Jesuítas espanhóis passam para a margem esquerda do rio Uruguai, onde fundam 18 Reducciones com índios Guarani na Província do Uruguai e na do Tape.
1898 d.C.	Grupos Xiripá chegam na região do Alto Jacuí, vindos do rio Iguaçu.
1950 d.C.	Grupos Mbyá-Guarani circulam pela região do Alto Jacuí.
1955 d.C.	Início de construção da Barragem Maia Filho
13/02/1996 d.C.	Portaria nº 105 do Ministério da Justiça declarando a área de posse permanente indígena.
11/12/ 1998 d.C.	Decreto homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Salto Grande do Jacuí, localizada no Município de Salto do Jacuí, Estado do Rio Grande do Sul.

6 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa 27 – *Tekoá Porã* – Salto do Jacuí
 Mapa 28 – *Tekoá Porã* – Salto do Jacuí

7 LEGISLAÇÃO**INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO**

Portaria nº 105, de 13/02/96: o Ministério da Justiça declara a área de posse permanente indígena.

DECRETO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1998 - Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Salto Grande do Jacuí, localizada no Município de Salto do Jacuí, Estado do Rio Grande do Sul.

8 AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**8.1 PROBLEMAS E POSSIBILIDADES**

A Terra Indígena Salto Grande do Jacuí encontra-se numa situação geográfica privilegiada, por ser região pedregosa que impediu a expansão da agricultura mecanizada, servindo os afloramentos e desníveis rochosos, bem como a declividade acentuada das encostas dos rios, enquanto espaço fértil para a sobrevivência de grandes áreas de floresta preservada, principalmente no trecho em que o curso do rio Jacuí faz uma imensa volta para quase retornar ao ponto inicial, formando uma cordilheira onde a mata está mais protegida. Desta forma, a comunidade acaba por dispor de um espaço muito mais amplo do que o oficialmente reconhecido, para praticar suas estratégias tradicionais de caça, de pesca, de coleta e de ócio ribeirinho.

Os empreendimentos hidrelétricos geraram grandes impactos sobre o Planalto Médio, mas permitiram resguardar o

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

trecho do Salto Grande, para evitar o assoreamento dos lagos represados, o que diminuiria a força de geração energética.

Por outro lado, a agricultura mecanizada avança até próximo às encostas íngremes e atinge as margens dos arroios menores, tornando a região do Salto uma ilha verde em meio aos latifúndios monocultores, que dominam nas circunvizinhanças a norte, a oeste e a leste. A problema da *plantation* (monocultura de exportação) é a degradação ambiental que ela gera, seja pelo desmatamento para obter novas áreas de cultivo, seja pela ampla utilização de defensivos químicos que degradam as matas e poluem as águas. Por tudo isso, ocorre uma crescente decomposição ambiental na região, observada pelos indígenas enquanto redução significativa da fauna aquática e terrestre no vale do rio Jacuí.

A grande proximidade da Terra Indígena em relação à cidade do Salto do Jacuí é um fator a ser considerado, tanto em seus aspectos negativos quanto positivos. Negativamente, observa-se a apresentação que o Governo Municipal tem feito da aldeia *Mbyá* como uma das atrações turísticas do Município, promovendo visitas e incluindo-os na agenda de festividades municipais. Como consequência, cada vez mais a *Tekoá Porã* é visitada por turistas e escolares. De um lado, os índios são cada vez mais perturbados em seu espaço de moradia, mas por outro esse tipo de interação permite aumentar a visibilidade dos *Mbyá* frente à sociedade local, sensibilizando a opinião pública sobre sua diferença cultural e sobre o direito de respeito enquanto cidadãos brasileiros diferenciados.

A integração desta localidade como parte do Sítio Comunidade *Mbyá-Guarani* em São Miguel Arcanjo explica-se porque assim se resgata este vínculo étnico re-atualizado entre as famílias que transitam pelo *Tape*, por essa antiga ligação que – comprovada pela arqueologia existir a milênios e que a história missioneira também reeditou - ainda perdura na prática dos *Mbyá* que circulam das Missões em direção ao litoral brasileiro e vice-versa.

Grande importância existe em fazer o Inventário futuro enquanto Bem cultural do Lugar *Tekoá Porã*, da Bela Aldeia que existe dentro da Terra Indígena *Mbyá-Guarani* do Salto Grande do Jacuí, daquele lugar que representa o propósito de vida de Juancito de Oliveira, do reconhecido *Karaí* que se lançou da Argentina em direção ao Rio Grande do Sul com o propósito de realizar seu sonho de recuperar o verdadeiro sentido da vida Guarani, de elevar seu povo seguindo os mandamentos das Belas Palavras e das preces que aproximam os homens dos espíritos imortais.

8.2 RECOMENDAÇÕES

Promover a aceitação oficial dos *Mbyá* e de outras etnias indígenas existentes na região do Salto do Jacuí, considerando a falta de reconhecimento sobre a ancestralidade Guarani e Kaingang em sua ocupação humana. Há mais de dez anos outra comunidade indígena está acampada reivindicando a recuperação de outra área próxima, na chamada “Borboleta”, área contida pela mesopotâmia Caixões-Jacuzinho, ambos afluentes da margem esquerda do rio Jacuí.

Recomenda-se envolver o Ministério da Justiça no processo de salvaguarda deste ponto, que faz parte do *Tape*, por onde os *Mbyá* reproduzem seu *jeguatá tape porã*, seu belo caminhar na tradição.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	A3.4 Nº 01 – Edificação: <i>Opy</i> A3.4 Nº 02 – Edificação: <i>Oó</i> A3.4 Nº 03 – Lugar <i>Tekoá Porã</i>
ANEXO 4: CONTATOS	Considerando a grande amplitude das relações entre as localidades, definidas pelo <i>tape</i> , o Anexo 4: Contatos é apresentado em arquivo único, e assim, refere-se à Ficha de Identificação Sítio (não estando dividido por localidades).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	Não foram identificados bens nesta localidade
---------------------------------	---

10 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Adrián Campaña, Carlos de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto de Souza.		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	José Otávio Catafesto de Souza		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		